

Conjugalidade dos Pais e Projeto de Vida dos Filhos Frente ao Laço Conjugal

Aluna: Vanessa Augusta de Souza
Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Introdução

No contexto da sociedade contemporânea, revela-se uma multiplicidade de arranjos conjugais, com um número cada vez maior de separações e recasamentos. O laço amoroso apresenta-se cada vez mais instável, com curta durabilidade e repleto de incertezas sobre seus possíveis desdobramentos. A sociedade contemporânea dá origem ao amor líquido [1], denotando a fragilidade do laço amoroso, assim como dos laços humanos de modo geral. Na sociedade do instantâneo, do *light* e do descartável, as relações amorosas oferecem cada vez menos refúgio emocional, gerando certo desamparo afetivo.

Por outro lado, a família continua a exercer uma função sócio-afetiva, representando ainda um refúgio contra o desamparo da propalada modernidade líquida. De um lado, deparamo-nos com a fluidez e com a descontinuidade do laço conjugal; de outro, com a dificuldade de os filhos adultos solteiros romperem a condição de dependência afetivo-emocional e financeira de suas famílias de origem, inaugurando uma nova e necessária condição como filhos adultos autônomos. Encontramos um número cada vez maior de famílias com filhos com idades em torno de 30 anos morando na casa dos pais e com poucas expectativas em relação à possibilidade de casarem-se e/ou formarem suas próprias famílias [2].

A partir de questões clínicas relativas à conjugalidade, presentes tanto na demanda de psicoterapia individual, como na demanda de psicoterapia de casal e família, emergiu esse estudo. Na clínica, defrontamo-nos frequentemente com a transmissão manifestada no sofrimento dos sujeitos aprisionados em sua incapacidade de metabolizar seus legados. Nossa tarefa, como terapeutas, é reconstituir o percurso simbólico da transmissão e favorecer a elaboração da herança. E é na possibilidade de transformação que investimos recursos terapêuticos, trabalhando para alterar o curso repetitivo do sintoma.

As investigações no campo de família têm-nos fornecido importantes subsídios para compreender a transmissão. Em trabalhos anteriores [3], destacamos o papel da família como intermediária no processo de transmissão, realçando as possibilidades de transformação inerentes ao ato de transmitir. Alguns autores enfatizam os aspectos traumáticos da transmissão e os aspectos sintomáticos gerados nesse processo, o que evidencia a importância de seu estudo, para compreendê-los e estarmos apropriadamente capazes, como terapeutas, de atender a estas demandas contemporâneas da família.

Conceito de conjugalidade

Eiguer (1984) [4], ao discutir a organização inconsciente do casal, define o vínculo conjugal como uma superposição de duas relações de objeto que têm como modelo de identificação a representação do casal parental. Lemaire (1988) [5] ressalta que o casal se

constitui em torno das zonas mal definidas do eu de cada um e que os parceiros sentem-se atraídos entre si por suas áreas semelhantes e devido à porosidade de seus limites. Nicolló (1993) [6], ao se referir ao jogo recíproco que se estabelece entre os membros do casal, faz alusão aos fenômenos que Winnicott (1971) [7] define como transicionais. O espaço interno do casal é semelhante a este espaço transicional, pois nasce do encontro entre os mundos interno e externo dos parceiros.

A conjugalidade, ao mesmo tempo em que reedita o romance familiar, propicia a elaboração das vivências infantis. O encontro com o parceiro gera a oportunidade de metabolização e de desenvolvimento do psiquismo, entrelaçando passado e presente, dentro de um projeto que pressupõe uma perspectiva de futuro a dois. Desde o momento da concepção, o sujeito está marcado pelo olhar dos pais, pelos seus ideais e pelos mitos familiares que se inscrevem e estruturam o psiquismo. O bebê retoma e encarna o ideal narcísico dos pais e, ao mesmo tempo, se alimenta desse envoltório narcísico para se constituir como sujeito e, num futuro provável, constituir novas conjugalidades e novos bebês.

A noção de transmissão psíquica geracional [8] [9] (Eiguer, 1997; Magalhães & Féres-Carneiro, 2004) se refere à inscrição do sujeito na cadeia da qual ele é um elo e se submete, ao mesmo tempo, à estruturação da subjetividade, ao desenvolvimento psíquico daquilo que o sujeito herda, ao seu pertencimento ao grupo familiar e às formações intermediárias que articulam os espaços psíquicos intra e intersubjetivos. Kaës (1993 e 2000) [10] [11] ressalta que a transmissão geracional implica a precedência do sujeito por mais de um outro e a forma como ele lida com a herança, sendo também pensador e até criador daquilo que foi transmitido. A genealogia mistura tempos e espaços, podendo desencadear repetições, patologias ou elaborações criativas, inovadoras. O sujeito tem como tarefa, assim como a família e o casal, construir, organizar e transformar suas heranças, elaborando-as.

A genealogia é também enfatizada por ser um dos fundamentos da ordem social. Ao mesmo tempo ela ordena os objetos e fornece a marca identitária. A ordem genealógica inscreve o sujeito na humanidade, fornece referências e elementos para a construção das identidades. Ela organiza a ordenação do lugar ocupado pelo sujeito na constituição familiar, os sistemas de ascendência, de descendência e de alianças. O reconhecimento do sujeito como semelhante aos demais e o sentimento de pertencimento ao grupo familiar propiciam a identificação e a diferenciação. É necessário para tanto que o sujeito se aproprie de sua história, de sua marca, que ocupe o seu lugar ativamente. Podemos afirmar que a originalidade e a saúde do sujeito são evidenciadas pela forma como ele reconhece seu destino e o transmuta, imprimindo sua autoria, integrando o que lhe foi transmitido num movimento criativo. Para Gaulejac (1999) [12], a genealogia implica os processos de classificação e de nomeação. A nomeação se refere à atribuição dos nomes de família e do prenome de cada indivíduo, sublinhando o pertencimento ao grupo familiar e a apropriação de uma identidade particular.

Neste trabalho procuramos estudar, tendo como ponto de partida as noções de identificação com as figuras parentais, de transmissão psíquica geracional e de romance familiar, as relações existentes entre a vivência de jovens solteiros sobre a conjugalidade de seus pais e o lugar que o casamento ocupa em seus projetos de vida. Antes mesmo do encontro amoroso, podemos afirmar que existe no psiquismo de cada parceiro um lugar para a organização da conjugalidade. Esse lugar reúne a pré-história e a história do sujeito,

seus ideais de conjugalidade, as imagens e fantasias sobre a conjugalidade de seus pais e de seus antepassados que irão se engendrar no futuro eu conjugal.

À vista disso e considerando as diversas transformações sociais da contemporaneidade, desenvolvemos um estudo amplo com o objetivo principal de estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos, e o lugar do laço conjugal no projeto de vida dos filhos. Para a elaboração do trabalho que ora apresentamos, destacamos do estudo mais amplo a investigação da *influência do casamento dos pais nos projetos de vida dos filhos*. Dentre as variáveis estudadas, destaca-se a situação conjugal dos pais, ou seja, o fato de estarem casados ou não, como o fator de maior impacto na percepção que os filhos têm de diversos aspectos da conjugalidade dos pais.

Objetivos

Considerando as diversas transformações sociais da contemporaneidade, desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de estudar as relações existentes entre a conjugalidade dos pais, tal como vivenciada e percebida pelos filhos, e o lugar do laço conjugal no projeto de vida dos filhos. Ou seja, buscamos investigar o lugar que a conjugalidade ocupa no projeto de vida de jovens adultos solteiros, focalizando a percepção dos filhos sobre a conjugalidade dos pais.

Destaca-se, neste amplo estudo, a investigação da *influência do casamento dos pais nos projetos de vida dos filhos*. Dentre as variáveis analisadas, a situação conjugal dos pais, correspondendo ao fato dos pais estarem casados ou não, é considerada como o fator de maior impacto na percepção que os filhos têm de diversos aspectos da conjugalidade dos pais.

Metodologia

Para atingirmos o objetivo proposto, desenvolvemos esta investigação em duas etapas, utilizando para isto uma metodologia quanti-qualitativa. Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa de levantamento que teve como objetivo investigar a percepção dos filhos sobre a conjugalidade de seus pais. Inicialmente, 278 sujeitos, recrutados em salas de aula de diversos cursos de graduação e pós-graduação de dez universidades da zona sul e da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, responderam aos instrumentos utilizados nesta fase da pesquisa. Dentre eles, permaneceram, constituindo a amostra desta etapa da investigação, 251 jovens (136 homens e 115 mulheres) que satisfaziam as condições do estudo, ou seja: solteiros, heterossexuais, pertencentes às camadas média e média-alta da população carioca, com idades entre 19 e 30 anos. Para as análises que apresentamos neste trabalho, foram retirados os casos de viuvez dos pais, ficando a amostra constituída de 236 sujeitos (129 homens e 107 mulheres).

Os instrumentos, construídos por nós, utilizados nesta etapa foram a *FAB-Ficha de Avaliação Biográfica* e o *QCP - Questionário sobre a Conjugalidade dos Pais*. Por meio da *FAB*, levantamos dados gerais sobre os sujeitos e suas famílias, tais como idade, gênero, escolaridade, orientação sexual, constituição familiar, situação conjugal dos pais (casados, separados, ambos recasados, só pai recasado, só mãe recasada, pai viúvo, mãe viúva), classe social e participação na renda familiar.

O *QCP*, que pretende avaliar a relação conjugal dos pais, tal como percebida pelos filhos, foi construído a partir de outros instrumentos de avaliação da relação conjugal, sobretudo do *FBQ - Family Background Questionnaire* (Melchert, 1998; Melchert & Sayger, 1998) e do *ENRICH M-Marital Inventory* (Fowers & Olson, 1989; Olson & Fowers, 1993), assim como da literatura sobre estrutura e dinâmica do laço conjugal. Inicialmente, o *QCP* foi constituído de 60 itens fechados para serem respondidos em escala Likert de cinco pontos. Estes itens estão relacionados a diferentes aspectos que têm sido identificados como relevantes na vivência da conjugalidade, alguns deles indicando menos conflitos e maior satisfação e outros mais conflitos e menor satisfação na relação conjugal. Embora quatro destes aspectos sejam avaliados pelo *QCP* - gratificação conjugal, maturidade emocional, identidade conjugal e expressão de afeto - para o trabalho que ora apresentamos, estamos utilizando as características psicométricas que sugerem a unidimensionalidade da escala de avaliação do *QCP*, dirigida ao construto maior: a conjugalidade.

Na segunda etapa do estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa para avaliar a concepção, as expectativas, os ideais e os mitos sobre casamento dos jovens adultos, com o objetivo de investigar as possíveis relações existentes entre a percepção dos filhos sobre o casamento de seus pais e aquilo que o laço conjugal representa para eles. Nesta etapa, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, cujo roteiro invisível contemplava vários temas relevantes da dinâmica conjugal e familiar. As entrevistas foram gravadas e transcritas e o material obtido foi submetido a uma análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (1979) [13]. Desta análise emergiram as seguintes categorias: *projetos de vida; concepções de casamento; sexualidade e casamento; casamento e gênero; ideais de casamento; casamento e relação amorosa; casamento e constituição de família; mitos familiares; identificação e diferenciação na família; influência da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos*. Entretanto, para a elaboração do trabalho que ora apresentamos, selecionamos apenas a primeira e a última destas categorias para serem avaliadas e discutidas, ou seja, *projetos de vida e influência da percepção da conjugalidade dos pais no projeto de casamento dos filhos*.

O delineamento inicial da investigação previa a realização de um Estudo de Casos Múltiplos [14] (Stake, 2000), constituindo-se 12 grupos, a partir das indicações obtidas, por meio da *FAB*, das diferentes condições conjugais dos pais e, por meio do *QCP*, da conjugalidade dos pais percebida como *muito satisfatória* ou como *muito insatisfatória*. A proposta original era a de tomar, de cada um dos grupos, para realizar a entrevista, dois casos, 1 homem e 1 mulher, localizados nos extremos da avaliação da conjugalidade dos pais. Todavia isto não foi possível por duas razões. Inicialmente porque nos extremos das avaliações dos 251 respondentes, nem todas as condições conjugais foram encontradas. Em seguida porque, embora tenha ocorrido grande empenho por parte dos pesquisadores em chamar para a entrevista os sujeitos que tinham se proposto a continuar colaborando e que atendiam determinados requisitos para balanceamento da amostra com o mesmo número de entrevistados nas dicotomias *masculino/feminino*, *percepção da conjugalidade dos pais como muito satisfatória/muito insatisfatória*, *pais casados/não casados*, muitos dos sujeitos convocados não compareceram. Assim, o grupo que participou das entrevistas da segunda etapa da pesquisa ficou constituído de 14 sujeitos, 7 homens e 7 mulheres.

Resultados e discussão

Em relação ao estudo do QCP, o resultado global da análise dos 60 itens, tendo por objetivo estimar sua consistência interna, apresentou “alfa” de Cronbach $\alpha = 0,96$. Dentre as variáveis presentes na *FAB-Ficha de Avaliação Biográfica*, o fator “situação conjugal dos pais” (casados, separados, viúvos, ambos recasados, só pai recasado, só mãe recasada) mostrou-se como particularmente influente na satisfação com a conjugalidade desses pais, tal como medida pela escala final.

A situação conjugal dos pais foi utilizada em uma análise de variância *one-way* com dois níveis, a saber, *pais casados* e *pais em outra condição*. A variável dependente dessa análise foi a soma das respostas dos sujeitos aos 60 itens do QCP, cuja média foi de 225,42 ($dp=33,67$). A média apresentada pela condição *pais casados* foi de 234,63 ($dp=28,25$). Este resultado, contrastado com a média de 209,72 ($dp=36,41$) apresentada pelos *pais em outra condição*, produziu diferença, para menor, de magnitude suficiente para gerar a razão $F_{1,244} = 35,82$ ($p<0,0001$), estatisticamente significativa, indicando que filhos de pais separados apresentam escore muito menor de satisfação percebida na conjugalidade de seus progenitores.

O gênero *masculino* ou *feminino*, independentemente da situação conjugal dos pais, como fator principal, não faz diferença no grau de satisfação percebido pelos sujeitos na conjugalidade desses pais, conforme indicam análises de variância na quais este fator é examinado, tanto em conjunto com o fator *conjugalidade dos pais*, quanto separadamente. Essas análises indicam que a condição de pais casados apresenta avaliação de satisfação significativamente maior comparativamente apenas com pais *não-casados*, isto é, tanto recasados quanto separados ou viúvos, independentemente do gênero dos sujeitos.

Durante a segunda etapa da pesquisa, realizamos uma análise intrasujeito com o objetivo de fazer um estudo aprofundado sobre a transmissão psíquica, no intuito de discutir e ilustrar as peculiaridades desse processo, apresentamos um estudo de caso. O material discursivo analisado no presente trabalho faz parte dos dados coletados num projeto de pesquisa mais amplo, desenvolvido pela equipe de pesquisa.

Para a análise discursiva intrasujeito selecionamos a entrevista de uma jovem de 25 anos, com pais separados, dentre as 14 entrevistas realizadas na segunda etapa de nossa investigação. Na primeira etapa da pesquisa, na fase de aplicação e análise dos questionários, a jovem que doravante receberá o nome de Natália obteve 128 pontos no QCP. Considerando que no total de 246 sujeitos (132 homens e 114 mulheres) que compuseram o grupo definitivo a média geral foi de 225,42, sendo a média dos homens de 213,88 e a das mulheres de 209,74, a jovem selecionada para este estudo de caso avaliou a conjugalidade de seus pais como muito insatisfatória. Acrescentamos, ainda, que a média dos filhos de pais separados (37 sujeitos) foi de 186,78.

O questionário de Natália fora selecionado para a segunda etapa da investigação por preencher os requisitos da metodologia proposta no estudo. Os sujeitos selecionados para serem entrevistados deveriam estar posicionados nos extremos da pontuação da amostra e deveriam ter condições conjugais dos pais diversas (pais casados, pais separados, pais recasados), visando à seleção de casos para a etapa qualitativa da pesquisa.

Escolhemos esse caso para discussão pela riqueza ilustrativa de suas falas e pelo modo como a história familiar de Natália apresenta-se entranhada em seus projetos de vida, revelando os percursos da transmissão psíquica familiar em suas concepções, expectativas e ideais de conjugalidade, com base nas identificações familiares.

O material discursivo analisado é de uma jovem de 25 anos, com pais separados. A entrevista de Natália (nome inventado, a fim de manter o sigilo ético) foi selecionada para

discussão pela riqueza ilustrativa de suas falas e pelo modo como a história familiar de Natália apresenta-se entranhada em seus projetos de vida, revelando os percursos da transmissão psíquica familiar em suas concepções, expectativas e ideais de conjugalidade, com base nas identificações familiares.

A entrevista foi intensa e seu relato bastante pormenorizado, revelando elementos significativos de sua história familiar, de suas identificações familiares e, sobretudo, de seu modo de vinculação com os pais. Num dado momento da entrevista, a jovem enfatizou a importância de ter a oportunidade de contar e de retomar sua história. “ Foi até bom você ter me chamado aqui pra falar sobre isso, pois eu nunca tinha parado...” .

A jovem faz uma alusão ao trabalho de apropriação de sua história, trabalho que envolve recordar e elaborar. Essa fala evidencia o valor do material discursivo originado no contexto da entrevista semi-estruturada. E, embora esse material não tenha sido produzido no contexto da clínica, a escuta do pesquisador com embasamento no enfoque clínico enriquece sobremodo a compreensão dos dados. Ao falar para um ouvinte especialista, o pesquisador, o sujeito entrevistado enseja uma ressignificação de seu percurso subjetivo. Nessa situação específica, no contexto de nossa investigação de campo, o entrevistado é levado a se confrontar com o significante conjugalidade no percurso da cadeia de transmissão geracional.

Ao longo da entrevista de Natália, vários temas relativos à conjugalidade foram abordados e, para o objetivo do presente estudo, destacamos as seguintes categorias de análise: o lugar da conjugalidade no projeto de vida, concepções, expectativas e ideais de conjugalidade, identificação e diferenciação na família e influência da percepção da conjugalidade dos pais. Neste estudo de caso, realçamos o modo como esses temas foram engendrados no percurso subjetivo de Natália, sem perder de vista os elementos que são comuns ao grupo de entrevistados como um todo.

Em seu projeto de vida, o trabalho é destacado, a vida profissional é priorizada. A priorização da vida profissional evidenciou-se nos projetos de vida da maioria dos jovens entrevistados, tanto homens quanto mulheres. A minoria incluiu espontaneamente o casamento em seus planos (três homens e três mulheres). Somente dois homens entrevistados falaram sobre o plano de ter filhos, sendo que o plano surge secundariamente e vinculado ao casamento. Nas mulheres, em segundo lugar surge o desejo de ser mãe, nem sempre vinculado ao casamento.

A maioria das mulheres entrevistadas (seis) incluíram filhos em seus projetos de vida, sendo que quatro delas não se imaginava casada. É importante acrescentar que a maioria das jovens entrevistadas avaliara a conjugalidade dos pais como muito insatisfatória (seis mulheres). O discurso, da jovem Natália, ilustra um elemento presente nas falas de outras jovens entrevistadas, a desvinculação entre ter filhos, constituir uma família, e casar-se.

“ Pretendo trabalhar na minha área, estou estudando para isso...Não me imagino casada, mas tenho vontade de ser mãe. Então é isso, me imagino com filho, mas não casada daqui a dez anos.”

A prevalência do plano de ter filhos no discurso das mulheres entrevistadas vem confirmar resultados de pesquisas anteriores que afirmam que, apesar da tendência a se apagar, pouco a pouco, nas sociedades ocidentais, a linha que separa os campos da maternidade e da paternidade, permanece mais forte nas mulheres, o desejo de ter filhos [15] [16] (Héritier, F., 1996; Féres-Carneiro, 1999). Quanto ao projeto de serem mães solteiras, Szapiro & Féres-Carneiro (2002) [17], ao discutirem a questão da “produção independente”, ressaltam que esta escolha representa para a mulher, uma saída diante da

imposição colocada pelo desejo de tornar-se mãe, desejo esse recalcado por meio do discurso sobre a independência e a realização profissional.

No caso de Natália, o lugar da conjugalidade evidencia-se em sua fala sobre seus planos para o futuro, por meio de uma negativa. Ela deseja ser mãe, mas não se imagina casada. A jovem manifesta uma ruptura com as convenções sociais que tendem a vincular maternidade à conjugalidade. Por outro lado, manifesta sua ambivalência em relação ao casamento, ao negá-lo. A negativa pressupõe uma afirmativa recalcada. Freud (1925) [18] postula que a negativa é um modo de dizer algo que o sujeito preferiria recalcar. Na negativa, a função intelectual e o processo afetivo encontram-se dissociados. Ao expulsar a idéia de conjugalidade, Natália tenta se livrar dos afetos desagradáveis que estão associados aos modelos de conjugalidade introjetados.

Ela considera que o casamento é uma “troca de interesses”, tem curta duração, e que seu único aspecto positivo, “quando dá certo”, é fornecer uma estrutura familiar, uma base para ter filhos. Mas, sua vivência familiar e sua observação sobre as experiências dos amigos conduzem à concepção de casamento como algo baseado em interesses materiais, em sonhos de glamour e em conveniências.

A concepção de conjugalidade de Natália, por um lado, fundamenta-se em suas vivências familiares e, em grande parte, reflete uma tendência contemporânea apontada por Giddens [19] (1992), a ênfase no amor confluyente e no relacionamento puro como base das relações conjugais. Uma das características do laço conjugal contemporâneo é a vinculação dos parceiros apenas à própria relação, que se mantém enquanto for vantajosa para ambos. No amor confluyente há uma ênfase igualitária no dar e receber afeto. No amor romântico, amor idealizado, o parceiro especial e único é valorizado, a alma gêmea, ao invés priorizar-se o “relacionamento especial”. O amor confluyente é um amor ativo, que vai de encontro às categorias “para sempre” e “único” do amor romântico. Sendo assim, a separação é considerada um possível desdobramento do casamento.

Por outro lado, o discurso da jovem Natália também denota uma intensa idealização da conjugalidade. Por vezes, ela se refere ao desejo de ter um casamento de contos de fadas e de poder acreditar na felicidade duradoura. Mas, receia decepcionar-se.

“Eu fico pensando: Será que vale a pena? Será que vale a pena todo aquele glamour em volta de um casamento, que teu sonho é entrar na igreja? Claro. Eu até tenho sonho de entrar na igreja de véu e grinalda. Mas, é um sonho que pensando em tudo que pode acontecer, não sei se eu teria, entendeu, coragem... A felicidade me assusta às vezes, sabe?! Tipo, puxa, se eu me entregar totalmente e se amanhã não amanhecer do jeito que está hoje?”... “Eu queria ter uma família perfeita, sabe. Mas esse lance de você não acreditar... Para algo dar certo você tem que acreditar.”

O modo como Natália introjetou suas vivências familiares relativas ao casamento levaram-na a desenvolver uma profunda ambivalência em relação ao laço amoroso. O lugar da conjugalidade foi constituído com base na introjeção de um modelo de relação no qual prevalecia o desrespeito entre os parceiros. O desrespeito é um elemento da transmissão familiar. Ao falar do desrespeito de seu pai à sua mãe, a menina se funde com a mulher e a filha com sua mãe. A deslealdade presente na conjugalidade dos pais atravessa as gerações, marcando o lugar do laço amoroso no psiquismo da filha. O vínculo amoroso passa a ser percebido como um lugar inseguro, um lugar de desamparo.

A jovem desenvolveu um sentimento de baixa auto-estima e de insegurança emocional. A possibilidade de confiar no parceiro está diretamente relacionada ao sentimento de auto-estima desenvolvido nos primeiros anos de vida. De acordo com Freud

(1914) [20], a auto-estima depende intimamente da libido narcisista. Sendo assim, toda realização pessoal é um remanescente da onipotência infantil, confirmada pela experiência. Na infância, em grande medida, a experiência de confirmação é reiterada na fala dos pais e de seus substitutos. Natália identifica a falta de investimento afetivo dos pais e de seus substitutos, durante sua infância. A partir da falta de reconhecimento de suas potencialidades e da falta de incentivo ao seu desenvolvimento originou-se o sentimento de incapacidade de acreditar em si e no outro. Natália percebe-se presa num ciclo de empobrecimento do ego e, conseqüentemente, de diminuição da auto-estima.

“Quando você é pequena, os pais falam: “Não, vai filha, pula ali que você não vai cair, vai!”. Eu não tive essa coisa. Eu acho que sempre tive medo de fazer as coisas. Meus tios brigavam comigo, meu tio era muito rígido, às vezes ele me dava umas palmadas. Então, eu tinha aquele medo, sabe. Tipo: Não, não vou poder fazer, senão eu vou apanhar dele. Senão, se eu fizer, ele não vai me perdoar por isso... Então, esse lance da minha insegurança, de eu não acreditar um pouco em mim... que eu possa estar conquistando alguém, possa estar conquistando um homem, porque aquele cara gosta de mim de verdade... Acho que isso vem um pouquinho lá da minha infância, sabe?!”

Natália, tendo sido cuidada e criada por diferentes parentes, e tendo sido acolhida em diferentes lares, introjetou e sintetizou os diferentes modos de pertencimento familiar, produzindo um modo singular de construção de familiaridade e de conjugalidade. Meyer (1983) [21] conceitua familiaridade como uma parte do psiquismo constantemente ativada pela experiência da interação familiar. Sua função básica é organizar e manejar as experiências reais da interação familiar e, ao mesmo tempo, constitui um aspecto fundamental da identidade do sujeito. A familiaridade diz respeito à natureza intrínseca do sujeito enquanto membro de uma família.

Freud, em Totem e Tabu (1912/13) [22], enunciara os modos mais primitivos de transmissão psíquica, diferenciando a transmissão por identificação aos modelos parentais de uma transmissão mais ampla, de traços das gerações antepassadas. A sugestão e o desamparo são elementos fundamentais para o estabelecimento da transmissão psíquica. O bebê, em sua condição de dependência emocional e de desamparo, apresenta-se permeável à absorção de conteúdos da transmissão familiar. Esses conteúdos são constitutivos e, portanto, necessários.

Segundo Kaës (1997) [23] a família apresenta um duplo eixo estruturante. No eixo horizontal, oferece suporte por meio das identificações mútuas com seus familiares. No eixo vertical, inscreve o sujeito na cadeia de filiação e das afiliações, no eixo geracional. Essa dupla vinculação abre o veio da transmissão e mobiliza o trabalho de subjetivação que se faz na intersubjetividade.

As vivências familiares de Natália formaram um legado retalhado, fragmentado, de modelos de familiaridade e de conjugalidade. Em sua trajetória, a experiência de ter vivido em diferentes núcleos familiares, as casas dos tios, constituiu uma base instável para a construção de modelos de relação. Ela vivenciou algumas relações na posição de “espectadora”, o que tornou difícil se apropriar das experiências familiares e integrá-las no seu psiquismo.

A instabilidade dos laços familiares e a descontinuidade das experiências de Natália forneceram modelos frágeis de identificação familiar, modelos de difícil acesso e apropriação. O sentimento de entrega e de confiança, presentes no modelo de dependência infantil, são o solo do processo de identificação familiar. Ferenczi (1909) [24] ressalta que a posição de submissão da criança ao adulto conduz à sugestibilidade. A partir do

desamparo e da sugestionabilidade abre-se o caminho para a identificação e, conseqüentemente, para a transmissão psíquica.

A fala de Natália aponta um ressentimento por não ter tido a experiência de entrega e confiança necessárias à construção de um sentimento de pertença familiar e à possibilidade de introjetar os modelos de família e de conjugalidade de modo ativo. O sentimento de espectadora remete à função de absorção passiva dos conteúdos transmitidos. O investimento afetivo que vincula o sujeito e suas vivências familiares é força propulsora dos processos de subjetivação.

Dentre as relações familiares mais significativas de Natália, destaca-se a sua relação com sua tia materna, irmã gêmea de sua mãe. Natália morou a maior parte da vida com essa tia e tomou-a como modelo importante de identificação. Na base dessa identificação encontram-se elementos relativos às origens da recusa à conjugalidade.

“Minha tia é como se fosse minha mãe. Com a minha tia tenho mais essa coisa...de tudo, de cumplicidade, de sentir falta. Minha tia quando viaja, eu fico mal. Então, minha mãe eu não sinto tanta falta... A minha tia é solteirona, ela nunca teve filho, é (pausa). Nunca se casou. Teve um noivado que durou sete anos, mas não se casou. Eu falo: Tia vou ser igualzinho à senhora, igualzinho. Todo mundo fala que o nosso corpo é igual, tudo. E a personalidade vai ser igual também.”

Natália revela, em seu discurso, o quanto se percebe afetivamente vinculada à tia e o quanto incorporou alguns de seus atributos físicos e psicológicos. Ressalta-se que, nesse contexto familiar, a mãe confiou à sua irmã a missão de cuidar da filha e se desincumbiu dessa tarefa, passando a conduzir sua vida a partir de uma posição simétrica à de sua filha, rompendo a complementaridade e transgredindo a ordem geracional.

A mãe, segundo Natália, é “infantil” e namora homens da mesma faixa etária da filha. Ao transgredir a ordem geracional, a mãe altera sua posição como objeto de identificação. A tia assume um importante papel para a manutenção da função objetivante, oferecendo-se para estabelecer o confronto intersubjetivo com a sobrinha-filha.

Constatamos, nesse caso, que a conjugalidade recalcada, manifestada por meio da negativa, é a conjugalidade dos pais reatualizada nas vivências posteriores com os outros familiares. Natália preferia não se imaginar casada, de acordo com o modelo de conjugalidade introjetado. De modo semelhante, a relação entre Natália e sua mãe levou-a a construir um ideal de maternidade que se opõe abertamente às suas vivências.

“A imaturidade não deixou. Não deixou ele e minha mãe desempenharem o papel deles. Então (pausa)... Eu acho que eu vou ser uma ótima mãe. Eu acho que mãe tem que esquecer assim de tudo. Cara, quando você é mãe, você esquece de você e pensa no seu filho. Eu acho que a minha mãe nunca esqueceu dela, sabe. Ela sempre colocou as festas, as brigas... Ela sempre na frente de tudo. Eu acho que tem que abrir mão de algumas coisas pra pensar no seu filho.”

As condições de diferenciação entre os sujeitos, nesse contexto familiar, dificultaram a construção de um lugar para a maternidade e para a conjugalidade. O investimento narcísico dos pais em Natália foi insuficiente. Conseqüentemente, eles não se ofereceram como objeto de investimento, nem como pais, nem como casal. E, assim, Natália parece ter ficado aprisionada numa teia identificatória que não favoreceu uma metabolização dos modelos familiares introjetados.

No que diz respeito à influência da percepção da conjugalidade dos pais nos projetos de vida dos filhos, a maioria dos jovens entrevistados afirmou que os pais são um modelo a não ser seguido. Mesmo nos casos em que a conjugalidade dos pais foi percebida como

muito satisfatória (três homens e uma mulher), dois homens não incluíram o casamento espontaneamente nos seus projetos de vida e consideraram que o casamento dos pais era sufocante ou que fariam muitas coisas de modo diferente do que vivenciaram.

Podemos considerar que, no caso da recusa do modelo dos pais, a herança conjugal é tão aprisionadora que eles desejam fazer o oposto desses. E, quando não têm uma percepção clara da influência da conjugalidade dos pais, ou têm ressentimentos relativos a essa percepção, sequer conseguem incluir a idéia de conjugalidade nos seus projetos de vida.

No caso de jovens como Natália que reagiu de forma defensiva em relação à história familiar, evitar os relacionamentos amorosos é um modo de proteção contra a possibilidade de repetição de padrões familiares. Compreendemos que o percurso de elaboração de suas marcas identitárias não viabilizou a necessária diferenciação da herança dos pais e, conseqüentemente, a possibilidade de construção de um projeto de conjugalidade autônomo.

Alguns autores ressaltam que a separação conjugal pode, muitas vezes, promover mais saúde emocional na família do que a manutenção do casamento quando esse é fonte de muitos conflitos não resolvidos e é pouco gratificante para os cônjuges.

No caso de Natália, a separação conjugal dos pais foi percebida pela filha como um não enfrentamento dos conflitos conjugais e uma fuga por parte desses. A separação não representou, nesse caso, o resultado de um processo de elaboração da dissolução da conjugalidade. Desse modo, o lugar da conjugalidade adquiriu a marca da impossibilidade. Amor e sofrimento estão indissolúvelmente ligados, no entendimento de Natália.

“Minha mãe nunca teve essa garra de: Ah não! Tô me separando. Vou embora mesmo! Tanto que a minha mãe foi embora escondida do meu pai, ela não teve, sabe, aquela coragem de falar: “Olha, eu quero me separar de você, vou embora com meus filhos”. Não, ela foi embora escondida dele. Então, não sei. Acho que pode ser isso, eu não acreditar em relacionamento. Eu acho que nem... Eu não acredito em homem. E quanto mais eu me decepciono, menos eu acredito.”

Conclusões

Dentre os 60 itens do *QCP*, trinta e dois deles referem-se aos pais como uma unidade; os demais são quatorze pares itens; em cada par, o mesmo conceito é dirigido ao pai e à mãe do sujeito. Os demais itens referem-se a ambos os pais. O que se apresenta como teoricamente produtivo, neste ponto de desenvolvimento da pesquisa, são análises nas quais se separam estes dois tipos de escala, por meio da formação das subescalas *Pai-Mãe* (14 pares de questões, 28 itens) e *Pais* (ambos os pais, 32 itens).

Simultaneamente a esta proposta, os resultados apresentados até agora são suficientes para subsidiar, por meio de informações válidas, a reformulação de itens cujo desempenho deixou a desejar. São, em maioria, aqueles que ocupam os lugares inferiores nas tabelas de classificação dos itens, segundo procedimentos consagrados pela psicometria clássica, examinadas até o momento. Assim, aplicações posteriores da escala poderão manter o propósito original de conteúdo ao incluir esses itens já reformulados.

É importante contextualizar o lugar do casamento no projeto de vida dos jovens sem perder de vista a dimensão da herança na constituição da subjetividade contemporânea. Em nossa investigação mais ampla, procuramos compreender como os jovens entrevistados, integrantes de constelações familiares tão plurais, elaboram suas percepções sobre a conjugalidade dos pais, suas possíveis alternativas e modelos de identificação. Constatamos

que a possibilidade de estruturar um lugar para a conjugalidade no psiquismo depende, sobretudo, de condições de diferenciação promovidas na família, independente da situação conjugal dos pais e dos níveis de satisfação conjugal percebida pelos filhos.

Avaliação da Bolsista sobre a sua participação na pesquisa

Participar deste projeto, sob orientação da professora Terezinha Féres-Carneiro, tem sido bastante importante para aprofundar minha experiência enquanto pesquisadora. Dedico aproximadamente 16 horas semanais no desenvolvimento da pesquisa por meio de atividades como aplicação e transcrição das entrevistas, análise e articulação dos dados obtidos, levantamento da literatura, e reuniões de grupo.

Colaborar no desenvolvimento desta pesquisa é muito enriquecedor porque participo de todas as etapas necessárias para uma investigação, desde a formulação de um tema, a formulação de uma metodologia, seus instrumentos, as análises dos dados até a interpretação dos resultados. No desenvolvimento da pesquisa pude aprender também como se elaboram textos científicos, visando à publicação de artigos.

O projeto é muito interessante e motivador e contribui para minha formação tanto pessoal quanto acadêmica.

Referências

- [1] BAUMAN, Z. (2004). *O amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- [2] HENRIQUES, C. R., JABLONSKI, J.; FÉRES-CARNEIRO, T. (2004). A geração canguru: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, v.35, n. 2, p. 195-205.
- [3]MAGALHÃES, A.S.; FÉRES-CARNEIRO,T. (2004). Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, v.16, 24-36.
- [4] EIGUER, A. (1984). *La thérapie psychanalytique de couple*. Paris: Dunod.
- [5] LEMAIRE, J. (1988). Du je au nous, ou du nous au je? Il n'y a pas de sujet tout constitué. *Dialogue: recherches cliniques et sociologiques sur le couple et la famille*, 102, 4, 72-79.
- [6] NICOLLÓ, A. (1993). O modelo psicanalítico de funcionamento do casal. Em M. Andolfi; C. Angelo & C. Saccu. *O casal em crise*. São Paulo: Summus, 1995.
- [7] WINNICOTT, D. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- [8]EIGUER, A. (1984). *La thérapie psychanalytique de couple*. Paris: Dunod.
- [9] MAGALHÃES, A.S.; FÉRES-CARNEIRO,T. (2004). Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista*, v.16, 24-36.
- [10]KAËS, R. (1993). *Transmission de la vie psychique entre générations*. Paris: Dunod.

- [11] KAËS, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto. Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãs e sobre sua descendência. Em O. B. R. Correa (org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.
- [12] GAULEJAC, V. (1999). *L'Histoire en héritage*. Paris: Desclée de Brouwer.
- [13] BARDIN, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Martins Fonte.
- [14] STAKE, R. E. (2000). Case Studies. Em N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (eds.) *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- [15] HÉRITIER, F. (1996). *Masculin/féminin, la pensée de la différence*. Paris: Odile Jacob.
- [16] FÉRES-CARNEIRO, T. (1999). Conjugalidade: um estudo sobre as diferentes dimensões da relação amorosa heterossexual e homossexual. Em: T. Féres-Carneiro (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 96-117.
- [17] SZAPIRO, A. M.; FÉRES-CARNEIRO, T. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: o caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 179-188.
- [18] FREUD, S. (1925). A negativa. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIX.
- [19] GIDDENS, A. (1992). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- [20] FREUD, S. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIV.
- [21] MEYER, L. (1983). *Família: dinâmica e terapia*. São Paulo: Brasiliense.
- [22] FREUD, S. (1912/13). Totem e tabu. In: *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XIII.
- [23] KAËS, R. (1997). Dispositivos psicoanalíticos y emergencias de lo geracional. In: *Lo geracional*. Buenos Aires: Amorrortu.
- [24] FERENCZI, S. (1909). Transferência e introjeção. In: *Obras completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.